

Asteria Cesar Fernandes

Essa mulher que se entrega inteira
Como os rios que as margens beija e enlaca

É périplo de posse passageira

Beito águas de rios, pura e cristalina

Essa mulher e trama traiçoeira

que leva de roldão a quem abraça.

A delusão mais viva e verdadeira,

o instante fugaz falta de graça.

Essa mulher, que de amor tem fome,

traz do rio o destino: adentra o mar

e se farta do sal que lhe consome.

Água que passa sem saber voltar,

essa mulher, sem rosto e sem ter nome,

abraça, beija, mas não sabe amar!

ideia

Poemas

Edições



CRM-PB

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DA PARAÍBA

EDIÇÃO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA – PB

GESTÃO 2018-2023

DIRETORIA

Mandato 1º de abril/2021 a 31 de março/2021

Presidente: João Modesto Filho

1º Vice-presidente: Antônio Henriques de França Neto

2º Vice-presidente: Débora Eugênia Braga Nóbrega Cavalcanti

1º Secretária: Luciana Cavalcante Trindade

2º Secretário: Walter Fernandes de Azevedo

Tesoureiro: Heraldo Arcela de Carvalho Rocha

2º Tesoureiro: Bruno Leandro de Souza

Corregedor: Klécio Leite Fernandes

Vice corregedor: Valdir Delmiro Neves

CONSELHEIROS DO CRM-PB

EFETIVOS	SUPLENTES
Álvaro Vitorino de Pontes Junior	Ana Karla Almeida de Medeiros Delgado
Antônio Henriques de França Neto	Arlindo Monteiro de Carvalho Junior
Bruno Leandro de Souza	Arnaldo Moreira de Oliveira Junior
Dalvílio de Paiva Madruga	Cláudio Orestes Britto Filho
Debora Eugênia Braga Nóbrega Cavalcanti	Felipe Gurgel de Araújo
Diogo de Medeiros Leite	Francisco Antônio Barbosa de Queiroga
Emerson Oliveira de Medeiros	Gláucio Nóbrega de Souza
Fernando Salvo Torres de Mello	Guilherme Muniz Nunes
Flávio Rodrigo Araújo Fabres	Jânio Cipriano Rolim
Heraldo Arcela de Carvalho Rocha	José Calixto da Silva Filho (Rep. Suplente da AMPB)
João Alberto Moraes Pessoa	Juarez Carlos Ritter
João Gonçalves de Medeiros Filho	Marcelo Gonçalves Sousa
João Modesto Filho	Márcio Rossani Farias de Brito
Jocemir Paulino da Silva Junior	Mário de Almeida Pereira Coutinho
Klécio Leite Fernandes	Mário Toscano de Brito Filho
Luciana Cavalcante Trindade	Og Arnaud Rodrigues
Marcelo Antônio Cartaxo Queiroga Lopes	Philipe Oliveira Alves
Roberto Magliano de Moraes	Ricardo Loureiro Cavalcanti Sobrinho
Valdir Delmiro Neves	Umberto Joubert de Moraes Lima
Walter Fernandes de Azevedo	Wagner da Silva Leal
Wilberto Silva Trigueiro	

Asterio Cesar Fernandes

Essa mulher que se entrega inteira

Como os rios que as margens beija e enlaca

É périplo de posse passageira

feito águas de rios, que se esvaia

Essa mulher é trama traiçoeira

que leva de roldão a quem abraça.

A delusão mais viva e verdadeira,

o instante fugaz falto de graça.

Essa mulher, que de amor tem fome,

traz do rio o destino: adentra o mar

e se farta do sal que lhe consome.

Água que passa sem saber voltar,

essa mulher, **Poemas** **Poemas**

abraça, beija, mas não sabe amar!

Ideia - João Pessoa - 2022

Todos os direitos e responsabilidades
sobre textos e imagens são do autor.

Editoração Eletrônica
Magno Nicolau

Capa
Guy Joseph

Revisão
Milton Marques junior

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

F363a	Fernandes, Astenio Cesar. Avirati - poemas [Recurso eletrônico] / Astenio Cesar Fer- nandes. Dados eletrônicos. - João Pessoa: Ideia, 2022. 42p.: il. ISBN 978-65-5608-320-9 1. Literatura brasileira - poesia. 2. Poesia brasileira. 3. Escritor paraibano. I. Título. CDU: 82-1
-------	--

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Gilvanedja Mendes, CRB 15/810



(83) 3222-5986
www.ideiaeditora.com.br
contato@ideiaeditora.com.br

Foi feito o depósito legal
Impresso no Brasil

A poética não difere do exorcismo [...]
E a atitude do poeta é muito semelhante a do mago"
(Julio Cortazar).

"O artista é criador de imagens: poeta"(Colhido em
'O arco e a lira', Octavio Paz).

Homenagem a expressões clarividentes.

O autor
Alto do Cabo Branco
Inverno de 2022

POEMAS CONFSSIONAIS?!

Soneto 76

Shakespeare

Por que meu verso é sempre tão carente
De mutações e variação de temas?
Por que não olho as coisas do presente
Atrás de outras receitas e sistemas?
Por que só escrevo essa monotonia
Tão incapaz de produzir inventos
Que cada verso quase denuncia
Seu nome e seu lugar de nascimento?
Pois saiba, amor, só escrevo a seu respeito
E sobre o amor, são meus únicos temas.
E assim vou refazendo o que foi feito,
Reinventando as palavras do poema.
Como o sol, novo e velho a cada dia,
O meu amor rediz o que dizia.

(Tradução de Geraldo Carneiro)

E SE EU DISSER

Ivan Junqueira

E se eu disser que te amo - assim, de cara,
sem mais delonga ou tímidos rodeios,
sem nem saber se a confissão te enfara
ou se te apraz o emprego de tais meios?
E se eu disser que sonho com teus seios,
teu ventre, tuas coxas, tua clara
maneira de sorrir, os lábios cheios
da luz que escorre de uma estrela rara?
E se eu disser que à noite não consigo
sequer adormecer porque me agarro
à imagem que de ti em vão persigo?
Pois eis que o digo, amor. E logo esbarro
em tua ausência - essa lâmina exata
que me penetra e fere e sangra e mata.

SUMÁRIO

10	<u>SONETO 1 - ESSA MULHER</u>
11	<u>SONETO 2 - AMOR</u>
12	<u>SONETO 3 - ENCANTAMENTO</u>
13	<u>SONETO 4 - MULHER</u>
14	<u>SONETO 5 - AMORES</u>
15	<u>SONETO 6 - ALVORADA</u>
16	<u>SONETO 7 - EXORCISMO</u>
17	<u>SONETO 8 - DECISÃO</u>
18	<u>SONETO 9 - CONCHEGO</u>
19	<u>SONETO 10 - SENTENÇA</u>
20	<u>SONETO 11 - INCERTEZAS</u>
21	<u>SONETO 12 - CONTENTAMENTO</u>
22	<u>SONETO 13 - ARAGEM</u>
23	<u>SONETO 14 - AROMA</u>
24	<u>SONETO 15 - SONHO</u>
25	<u>SONETO 16 - TURBILHÃO</u>

- 26 SONETO 17 - BERLINDA
- 27 SONETO 18 - ESPERANÇA
- 28 SONETO 19 - SOLIDÃO
- 29 SONETO 20 - ESTAÇÃO
- 30 SONETO 21 - FELICIDADE
- 31 SONETO 22 - COREOGRAFIA
- 32 SONETO 23 - REMEDO
- 33 SONETO 24 - TAÇA DE CRISTAL
- 34 SONETO 25 - ROSA-DOS-VENTOS
- 35 SONETO 26 - MONÓLOGO
- 36 SONETO 27 - RESSURGÊNCIA
- 37 SONETO 28 - UMA SAUDADE
- 38 SONETO 29 - SAUDADE
- 39 SONETO 30 - MILAGRE
- 40 SONETO 31 - SILENTE
- 41 SONETO 32 - AZOS
- 42 POEMA 33 - MIRAGEM

*Soneto 1**ESSA MULHER*

Essa mulher, que se entrega inteira,
como rio que as margens beija e enlaça,
é périplo de posse passageira:
feito as águas de rio, pulsa e passa.

Essa mulher é trama traiçoeira
que leva de roldão a quem abraça.
A delusão mais viva e verdadeira,
o instante fugaz falto de graça.

Essa mulher, que de amor tem fome,
traz do rio o destino: adentra o mar
e se farta do sal que lhe consome.

Água que passa sem saber voltar,
essa mulher, sem rosto e sem ter nome,
abraça, beija, mas não sabe amar!

*Soneto 2**AMOR*

O amor é caminho em que se fica.
Não pode prosseguir quem já chegou.

É morada que não se multiplica
E não se aplica a quem jamais amou.
O caminhar assim também se explica
No mistério de quem não se explicou.

Produto que se inscreve na rubrica
Circunscrita ao espaço onde restou.
Porquanto, quem se perde no caminho,

Aquele que de amor vive sozinho,
Descuidou do percurso caminhado.

Deve o amor ser hoje, aqui, agora.
Quem dele vai além, se vai embora,
Pois o tempo do amor anda parado.

*Soneto 3***ENCANTAMENTO**

Teu beijo, intenso e venturoso,
Mel da abelha que me comoveu,
Veneno em teus lábios, saboroso,
Frutificou o sonho que morreu.
Peçonha, com seu gosto enganoso,
Passou pelos meus lábios, não foi meu,
Escoou em paladar maravilhoso,
Mas breve, esvaiu e esvaneceu.
Embora ainda guarde na lembrança,
Como quem abriga a esperança
De ter novo sonho envenenado,
Aquele beijo denso, frutuoso,
Esvaiu-se, por ser misterioso,
E se foi, pro mundo encantado.

*Soneto 4**MULHER*

Foste pra mim a casa acolhedora:
Imensa, intensa, intátil, infinita,
De beleza beirando a mais bonita,
Minha tenda terna e imorredoura.
Hoje és rua de raia esmagadora
Onde transita a minha dor, aflita,
Impessoal, intrínseca, esquisita,
Dialética má, constrangedora.
Por ela passa, apenas, a saudade,
Única companheira, de verdade,
Como doce acalento ao meu degredo.
Aquela tenda da felicidade,
Ruiu ao vento da perversidade,
Fez-me menino triste, sem brinquedo.

*Soneto 5**AMORES*

Amores? Podem ser. Talvez incêndio,
Fogueira acesa da desilusão,
Incinerando as lágrimas no chão,
Vertidas pela dor do vilipêndio.
Não há, desse pesar, nenhum compêndio
Que descreva tanta dor do coração.
Quando pranteia a perda da paixão,
Lágrimas são as formas de estipêndio.
Incêndio vivo, fogo dos amores,
Fogaréus de paixões, fulgor em dores,
Borrалhos de esperança incendiada...
Enquanto as chamas mudam suas cores,
Falece a luz de antigos dissabores,
Fica o incêndio crepitando nada.

*Soneto 6**ALVORADA*

Amanheço os meus olhos muito cedo,
Despertado em teu corpo adormecido,
Percorrendo o caminho preferido,
Para visar teu ventre, onde me quedo.
O teu corpo dormente me faz medo...
Imagino de amor desfalecido,
Consequências do orgasmo repetido,
Frutescente paixão, doce folguedo.
Meus olhos, matizando esta manhã,
Da tua boca, polpa de maçã,
Decifram seduções de seus sentidos.
Ó alvorada, vinda pela fresta,
Celebra o nosso tempo, ele se presta
Ao gozo, choro, riso e gemidos!

*Soneto 7***EXORCISMO**

Descansa, ó coração, já é saudade!
O teu ciclo de amar se foi embora.
Adormece teu sono. Em verdade,
Fez-se dona, a Tristeza, da aurora,
Róseo-pálida, feito a crueldade,
Hoje a poesia não é mais senhora.
Dormita em paz, pois a felicidade,
Em defenestração, ficou de fora.
Bate as batidas vãs do solitário,
Predestinada está tua paixão
A se perder na perda desse amor.
Entra num sonho mais visionário,
Adormeça nos braços da razão,
Pois o delírio incita a tua dor.

*Soneto 8**DECISÃO*

Plantei uma eclusa entre mares,
Do Sul eu fui ao Norte viajar.
Voando pelas águas meus alares,
Venci tantos esforços pra chegar.
Meu barco navegando os luares
Foi pássaro com asas a voar,
Tecendo o seu ninho além mares,
O frágil não se abriga no mar.
Ninhado estarei eu, tão contente,
Ao crer nesse amor puro somente,
Feliz, ó meu amor, tu estarás.
Enfim eis uma terra prometida,
Espaço comportando nossa vida,
Benditos, esses laços imortais!

*Soneto 9**CONCHEGO*

Há os que trafegueiam alegrias,
Repartindo benesses nas estradas.
Eu, ao contrário, trago as mãos vazias,
Que te são protetoras, e mais nada.
Quando cansas no curso do caminho,
Com teu corpo tendente a tropeçar,
E nem teu fardo podes carregar,
Eu te proponho um pouco de carinho.
Não sou o sol ardente que ilumina
Os incêndios do dia, e só termina
Quando o rito da noite lhe é fatal.
Sou chuva pontual, molhando a estrada,
Calmando o caminheiro na jornada
Sou, somente, aconchego de Natal.

*Soneto 10***SENTENÇA**

Procuro minhas vestes singulares,
Há frio intenso no arredor do ninho.
A minha fé buscou novos lugares,
Mas permaneço nu, rude, sozinho.
Dos agasalhos quentes, regulares,
 Puída véstia resta no caminho,
Se hoje lanço, fracos, meus penares,
Pobres engenhos vão colhendo espinho.
As plumas de perdiz, da companheira,
 Vivezas que vestiam minha paz,
 Constituíam a pele pretendida,
Mas essas, eu não as encontro mais,
Nem que as procure pela vida inteira,
Fazem-me nu, de pele já perdida.

*Soneto 11***INCERTEZAS**

Porque em emoções hoje carrego,
Metáforas vazadas na incerteza,
A tantas ilusões eis que me entrego
Em versos, feito pão, à minha mesa.
Porque aos sonhos meus jamais renego
(Sonhar é minha única certeza),
Em meus sentidos cânticos trafego,
Tenho o corpo contrário à correnteza.
Pois, a vida, conjunto de surpresas,
Destina-me essa sina e me consola
Com minha delusão quase verdade.
E sigo, assim, vivendo as incertezas,
Tal qual um pobre que, a pedir esmola,
Sonha ser dono da felicidade.

*Soneto 12***CONTENTAMENTO**

Eu te queria tanto, eu te queria,
Naquele sonho de amor somente...
Mas despertado desse sonho, um dia,
O novo dia me deixou doente.
Depois morri no sonho em que sorria,
Porque morria muito mais contente
E, se contente, eu não me importaria
Morrer de malefício diferente.
É que o amor nos mata de estesia,
Mesmo que alegre ou triste seja o fim
Que envolve a vida nesse ciclo eterno.
E quem morre sorrindo, de alegria,
Por ter sonhado com amor assim,
Adentra o céu, safando-se do inferno.

*Soneto 13**ARAGEM*

O vento sopra forte na janela,
Vindo do mar e mais me faz sentido
Com seu gemido forte ao meu ouvido,
Lembrando falas que falei com ela.
Recordando o rugido da procela,
Das praias o poema comovido,
O soneto que fiz nunca esquecido,
Compondo o bem, o mal nascendo dela.
Os soares do vento são assim:
Revivem flores, trazem voz do fim
Do sonho, feito chamuscas incontinentes.
São os deuses sorrindo nossas dores,
Lembrando que a grandeza dos amores
Vira saudade, fere as nossas vidas.

*Soneto 14**AROMA*

A lembrança me veio do perfume,
Quando passei pela mulher que passa.
 Recordei meus instantes de ciúme
Do seu perfume, e de seu corpo a graça.
 A sua imagem eis que se resume
 Ao véu da noite friorenta e baça.
Há traços de tristeza em meu queixume
Por me perder dessa mulher na praça.
 E, na memória, o vivo da saudade,
 Ínfima réstia, última lembrança,
 Fraco raio de luz sem claridade,
Faz-me passar por outra em plena rua
 E, em metamorfose de esperança,
Lembrar meus passos pela sombra sua.

*Soneto 15**SONHO*

Preciso decantar minha tristeza
Num adeus despedi-la me proponho.
Não posso conduzi-la com leveza,
Pesa demais. Não sei mais onde a ponho.
As cartas são lançadas sobre a mesa.
Purificar preciso cada sonho.
E pra desencantar minha tristeza,
Ao lúdico delírio eis que me imponho.
A tristeza não vai, eternamente,
Mumificar meu mundo de alegria,
Fantasiar a minha fantasia.
Preciso decantar minha tristeza,
Sobrepô-la num sonho, com leveza,
Afogando o passado em poesia.

*Soneto 16***TURBILHÃO**

Manhã. O sol invade o chão do quarto.
Um pássaro, ao longe, faz-se ouvido,
Despertando de vida outro sentido,
E de felicidade um novo parto.
A tarde torna, e quase que me infarto.
Da graça da manhã eis que duvido:
A solidão de onde haja surgido
Se tudo estava lindo, belo e farto?
Enfim, é tudo um rito de passagem.
A manhã trouxe à tarde antiga imagem
Projetada no prisma do infinito
Eis que o amor se perde na voragem,
Quando o drama de dois tem a coragem
De perdê-lo no tempo mais bonito...

*Soneto 17***BERLINDA**

Um novo tempo. Quase tudo finda,
Restando nos escombros a saudade
De tempo que se foi, mas, por vontade,
Dá mais um passo. Há outro tempo ainda!

Essa saudade, que se diz infinda,
Parecendo até mesmo eternidade,
Não registrando a sua identidade,
Vai criar o seu jogo de berlinda.

Quando o instante se dilui no vento
Desfazendo do pouco que lhe resta,
Sem refletir um gesto de maldade,
Entende ser saudade um acalento,
Visto que a saudade não se presta
Pra viver esse tempo, de verdade.

*Soneto 18***ESPERANÇA**

Meu coração vestido de amores
Pouco a pouco se fez desnudado:
Em tecidos puídos e rasgados,
Fez-se outono... D'árvore sem cores!
No tempo, colhendo os dissabores,
De tanta aflição ter registrado,
Vê-se exposto e desamparado,
Despido, sem as folhas, sem as flores.
Restando esperança, num cantinho,
Feito barco sem leme, sem caminho,
À deriva vai, seguindo ao nada.
Mas, esse coração, na desventura,
Inda bate no peito com ternura,
Buscando primavera na jornada.

*Soneto 19**SOLIDÃO*

O nosso amor é rio descarnado,
É arrebol que se esvaiu no céu,
Abelha que voeja, lado a lado,
Por flores exauridas, sem ter mel.
Nosso amor é doente anunciado,
Um ser sofrido que padece ao léu.
É fruto amargo, murcho, abandonado,
Sua doçura sucumbiu em fel.
É amor que vagueia no passado,
Buscando digerir a nostalgia,
Sufocado no adeus pela imersão.
Assim se faz amor alucinado,
Escutando da dor a melodia.
Procurando entender a solidão

*Soneto 20**ESTAÇÃO*

O coração registra o ante tempo.
Mas um relógio rusto, em descompasso,
Registra o tempo tardo do embaraço,
Sopitando saudade, em contratempo.
Restando, agora, um parco passatempo
No tempo que rebusco e não desfaço,
Dessa desigualdade a cada passo,
Eis que me encontro além desse entretempo.
Vejo que o tempo se perdeu no tempo,
Consumindo alegrias do passado,
Num compasso binário, tempo e hora.
Mas ele, inexorável, a destempo,
Aponta ao pecador o seu pecado:
Não vê, a tempo, o tempo ir-se embora.

*Soneto 21***FELICIDADE**

Por que foges assim, felicidade,
De um ser que a ti persegue tanto?
Já nem sei se existes de verdade,
Tu habitas o reino do encanto.
Por que crês em fugir, sem ser maldade,
Ocultar-se debaixo de um manto?
Por que foges, então felicidade?
Revela-te em mim! Não me espanto.
Porque vives assim tão escondida,
Haverás de ser sempre perseguida,
Destinada também à solidão.
Não sei se és pouco compreendida,
Mas, fugindo tanto, a minha vida
É um correr atrás de ti, em vão!

*Soneto 22**COREOGRAFIA*

Importante, amada, é a espera,
Esperança do que se fez saudade,
 Recriação da vã felicidade,
Esperança, que nunca desespera.
Importante, amada, é a espera,
Quando tempo vazio, de verdade,
 Recria uma vã felicidade,
Na esperança, que não desespera!
Essa espera, a que há comigo,
Resguardando crença, é um abrigo
 Ao suplício: a grande solidão.
Esperança, que nunca desespera,
A bailarina gêmea da espera,
 Dança e ilude o coração!

*Soneto 23**REMEDO*

Quando triste, de tristeza e medo,
Povoas minha imensa solidão,
Tu, presença, ou doce arremedo,
Assustas madorento coração.
Oh! Existência lúdica, brinquedo,
Ludibrio à minha desilusão,
Feito companheira, no degredo,
Misto de alento e comoção.
Visto que a árvore do destino
Pôs pássaro cantor em desatino
Pipilando seus hinos à saudade,
Vieste povoar a desesperança,
Tu, ó fantasmagórica lembrança,
Meu arremedo de felicidade!

*Soneto 24**TAÇA DE CRISTAL*

Aquela taça, em beijos compartida,
Caiu ao chão, rompeu-se, Estilhaçou.
Desfez-se, como fez o seu amor,
Despedaçando e me partindo a vida.
Restou-me a decisão mais atrevida:
Dar-lhe as razões de quando começou,
Restaurar toda taça e o nosso amor,
Afugentar a dor desiludida.
Porém, aves em par, rompendo ventos,
Trazem saudades, rudes companheiras,
Sem esperanças mais, sem mais alentos.
Oh, saudades, que fazes afinal?
Por que foges às faces costumeiras
E me vens numa taça de cristal?

*Soneto 25**ROSA-DOS-VENTOS*

Navegante do sonho em mar imenso,
Eu venho mareando uma ilusão.
Imerso em sal e sol, eis-me pretendo
A marulhar amor e sedução.
Fantasiando vento forte, intenso,
Fugindo de mim mesmo à sedição,
Do astrolábio consultando o senso,
Atento me afastar da solidão.
Talvez – quimera minha – ser feliz,
Pois nada do que penso contradiz
A vontade de ser que me proponho.
Mas vem-me aviso de infelicidade,
A voz de quem se diz chamar saudade,
Não me deixa sonhar, frustra meu sonho!

*Soneto 26**MONÓLOGO*

O eco se perde em meu caminho
Quando tento dizer ao teu ouvido
E as palavras já não têm sentido
Porque parece que falo sozinho.
Procurando dizer não adivinho
Que a escuta não mora contigo,
Pois nada dizes estando comigo;
“Diálogo” se esvai, devagarzinho.
É preciso construir nova estrada,
Retirar pedras dessa caminhada
Formatando nossa comunicação.
Palavras soltas não te dizem nada,
A minha voz faz tua voz calada;
Toca ao ouvido, nunca ao coração.

*Soneto 27**RESSURGÊNCIA*

A madrugada, quase sempre triste,
Me fez insone para contemplá-la,
Tudo é silêncio... E o silêncio fala
Lembrando-me do dia em que partiste.
A escuridão na madrugada existe
Quando a esperança surge e se instala
Dentro do coração que, então, persiste
E na lembrança triste se propala.
Pois tu, ao acordar-me, ó madrugada,
Roubas-me sonhos ricos de ternura
Para em vigília vê-la trespassada.
Mas, iluso na fé, crio a chegada,
E te agradeço, madrugada escura,
Por ter ressuscitado a minha amada.

*Soneto 28**UMA SAUDADE*

Essa saudade, que não desencarde,
Elevando de velho amor a chama,
Às vezes chega cedo, às vezes tarde,
Em voz vencida, aos ditos que me ama.
Toda vez que repete o tom covarde,
Dessa lembrança morta faz um drama,
Mistificando, dentro desse alarde,
A presença de tudo o quanto trama.
Difícil compreender sua verdade,
Crendo nessa total veracidade,
Mantendo o ilusório atrelado.
Oh! Deixa-me viver, grande saudade,
Vestido do vazio da vontade,
No senso de senti-la do meu lado!

*Soneto 29**SAUDADE*

Como guardar comigo essa saudade
Que dentro de meu peito fere a alma?
Querendo desvendar minha verdade,
Faz-me perder, completamente, a calma!
Qual a razão de ser dessa vontade
Que sabe ser, mas não se vê viva alma?
Sem resquícios de amor e de bondade,
Vaza meu coração, lesa minh'alma.
Essa saudade sonsa que carrego,
Disfarça algum querer e não me nego,
Em resgatar-lhe o sonho – se ele existe.
Mas ela, persistente, a sós comigo,
Fala de amor finito, amor antigo,
E mesmo assim em revivê-lo insiste.

*Soneto 30**MILAGRE*

Ó brisa, vem me ver com seu carinho,
Há sede em minha pele de desejo,
Vem fazer de meu corpo o teu caminho,
Mata-me a sede ao toque do teu beijo.
Vem nutrir o meu ser com teu jeitinho,
Essa manhã de sol me impõe arquejo.
Sê como a noite, chega de mansinho
Em meus poros crivosos, feito queijo.
Vem ó brisa me ver, vê se ameniza,
De forma doce, dócil e precisa,
A sede que me invade essa manhã.
Hidratando-me a pele ressequida,
Como um milagre refazendo a vida,
Vem tecer nova pele de maçã!

*Soneto 31**SILENTE*

Eu quero a tua voz... Fala-me um pouco!
Diz se me queres ou não queres mais.
Já não suporto esse silêncio rouco,
Preciso te ouvir, viver em paz.
A tua voz, calada, é um sufoco,
Sem ela a minha vida se desfaz,
Sem tua voz, o som me deixa louco!
Fala! O que vier me satisfaz...
Renegues, se puderes, que me amaste,
Renegues tudo aquilo que falaste,
Negues teu pranto ao relembrar de nós.
Só não sonegues tua voz que almejo
Diz-me se amaste meu primeiro beijo,
Abre teu coração, desprende a voz!

*Soneto 32**AZOS*

Fez-se mais perto o tempo do carinho,
Voejando, nas horas, doce vento.
A distância perdeu o isolamento
Para o amor voltar a ser caminho.
Foi-se a saudade, sem nenhum lamento.
Retornou a felícia para o ninho,
Em apressado voo, dantes lento,
Para reinar, negando o descaminho.
E floresceu a primavera em cores,
Ensejos de emoção de mil amores,
A vida se vestiu de sol nascente.
Primavera de amor! Sem seus desazos,
As flores aos amantes dão mais azos
E dão mais azos ao amor da gente!

Poema 33

MIRAGEM

A chuva existiu
nos teus cabelos.
Novelos de seda,
Fios macios.

Nesse orvalho, sensual,
Linda visão,
Retenho-a...
Registro sagrado.

Meu sonho navega.
Ó águas salgadas,
Vertidas de fantasia doce,
Lindos cabelos molhados!

O título deste livro se vale do sânscrito.
Estes poemas são caminho. Rio, estuário e mar. Amor,
saudade e sal. Amor: misto de alienação e consciência.
Saudade: flexão numérica plural. Sal: preservação e fim.

Avirati/Sensualidade



Astenio Cesar Fernandes

Médico, professor emérito da Universidade Federal da Paraíba, doutor em Medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais, pós-doutorado pela Universidade de Paris VI, escritor e poeta, Membro da Academia Paraibana de Letras.

Outras Obras do Autor



CRM-PB

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DA PARAÍBA